



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



## ESTIGMAS E PRECONCEITOS NO VIVER-CONVIVER COM HIV/AIDS: UM OLHAR SOBRE O ESTADO DA ARTE

*Ises Gabriela Marques Silva Cheles Nascimento*

*Luzia Wilma Santana Da Silva*

*Lucas Amaral Martins*

*Emanuelle Caires Dias Araújo Nunes*

*Danielle De Souza Cerqueira*

### RESUMO

O objetivo que enlaça a proposta deste estudo, ou seja, conhecer o estado da arte acerca do contexto atual do HIV/AIDS no âmbito familiar, bem como as dificuldades enfrentadas pelo *ser* após diagnóstico da doença, afim de subsidiar o pensar/agir profissional, familiar e de toda sociedade que convivem e cuidam de pessoas com HIV/AIDS. Foi realizado a partir do Portal de Periódicos Capes; na busca de artigos publicados entre 2004 e 2009; foram encontrados 10 artigos com aderência à temática proposta conforme foco de investigação. Os resultados mostraram a necessidade de se compreender a família de forma contextual e na complexificação de suas relações mais extensas.

*Palavras-chave:* Relações Familiares, portadores de HIV-AIDS, sentimentos, cuidados de Enfermagem

### ABSTRACT

The objective that links the purpose of this study, in other words, to know the art's state about the current context of HIV / AIDS in the familiar sphere, as well as the difficulties faced by the being after the disease diagnosis, in order to subsidize the thinking / professional acting, family and the whole society who live together and caring for people with HIV / AIDS. Was carried out from the Capes Periodics Portal, in search of articles published between 2004 and 2009, 10 articles were found with adherence to the proposed theme as the focus of research. The results showed the need to understand the family in a contextual and complexity ways of their relationships beyond.

*Keywords:* Family Relationships. HIV-AIDS Sufferers. Feelings. Nursing Care.



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



## INTRODUÇÃO

As doenças transmissíveis tem se tornado, cada dia, mais próximas do contexto vivencial das pessoas evidenciando uma modificação do comportamento humano no que se refere ao seu limite, a abertura precoce à vida sexual, a multiplicidade de parceiros sexuais, o conflito de confiança entre casais, enfraquecida em virtude da promiscuidade, do diálogo restrito e da desestruturação familiar. Aspectos que contribuem para o avanço de doenças como a *Acquired Immune Deficiency Syndrome* - AIDS.

A AIDS tornou-se um marco na história da humanidade. Ela representa um fenômeno global, dinâmico e instável, cuja forma de ocorrência nas diferentes regiões do mundo depende, entre outros determinantes, do comportamento humano individual e coletivo. Destaca-se entre as enfermidades infecciosas emergentes pela grande magnitude e extensão dos danos causados às populações e, desde a sua origem, cada uma de suas características e repercussões tem sido exaustivamente discutida pela comunidade científica e pela sociedade em geral (BRITO et al, 2001).

A característica inicial da AIDS enquanto doença contagiosa, incurável, mortal e ligada ainda a homossexuais, fez associar a doença a vários estigmas e preconceitos advindos das posições sociais perante a morte, a contaminação e a sexualidade, os quais continuam enraizados na sociedade até os dias atuais (PARKER et al, 1994).

A existência de estigmas em relação às pessoas soropositivas exerce grande peso em suas vidas e alguns fatores podem associar-se ao processo de estigmatização, como o fato de ser um vírus para o qual ainda não se tem cura, que origina medo e ainda a persistente associação da infecção a comportamentos sexuais. A responsabilidade atribuída às pessoas que se infectam por meio do contato sexual e da utilização de drogas injetáveis de acordo com algumas crenças religiosas ou morais leva a crer que se trata de um castigo por falhas de comportamento cometidos (SUIT e PEREIRA, 2008).



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



A estigmatização e a discriminação determinaram para a pessoa com HIV e AIDS uma condenação não só à morte biológica, natural e reservada a todos, independente da sorologia para o HIV, mas com muito mais rigidez, à morte civil, impedindo-a de exercer plenamente todos os seus direitos de cidadania. A AIDS deixa de ser uma doença para ser uma "pena" aplicada aos "criminosos morais" (<http://openlink.br.inter.net/aids/preconceito.htm>).

Assim, torna-se imprescindível considerar o impacto que o diagnóstico da soroconversão causa na vida de um indivíduo. A equação “doença incurável = morte” inevitavelmente se constrói no imaginário do mais novo portador do vírus da AIDS, angústia, desespero, sensação de impotência e a idéia de incurabilidade, entre outras, passam a invadir o mundo subjetivo do indivíduo. Ao mesmo tempo, o medo da segregação social e a estigmatização assaltam o indivíduo. Sofrer o peso do preconceito de uma doença carregada de estigmas, fundamentalmente relacionados a comportamentos considerados socialmente desabonadores, é uma constatação manifesta no sujeito. Outro tipo de vírus, o vírus do preconceito é ainda mais letal, pois é o seu sintoma mais temido (GOUVÉA, 2004).

O contexto social do HIV/AIDS atinge também a família, e muitas vezes tem um efeito desagregador na estrutura e no seu ambiente, podendo interromper o sistema de relacionamento. Assim, tanto o portador do HIV como seus familiares sofrem as consequências e dificuldades da doença, tendo muitas vezes que lidar com preconceitos e estigmas o que dificulta ainda mais o conviver com a patologia.

Tal contexto norteia alguns questionamentos desse processo de viver humano envolto por questões tão conflitantes entre a estabilidade versus a instabilidade. Em outras palavras, viver portando uma doença transmissível como o HIV tão estigmatizante ainda hoje, embora encontremos no discurso coletivo uma maior aceitação quanto a conviver convivendo com tal patologia no nosso meio, esse discurso não encontra respaldo nas relações humanas com outros sujeitos.



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



As reflexões tecidas durante os parágrafos precedentes tiveram a intenção de construir uma ponte que leve à transversalidade entre as ideias enunciadas e o objetivo que enlaça a proposta deste estudo, ou seja, conhecer o estado da arte acerca do contexto atual do HIV/AIDS no âmbito familiar, bem como as dificuldades enfrentadas pelo *ser* após diagnóstico da doença, afim de subsidiar o pensar/agir profissional, familiar e de toda sociedade que convivem e cuidam de pessoas com HIV/AIDS. Outro objetivo deste estudo é a identificação de possíveis lacunas do conhecimento que possa direcionar novas investigações acerca das dificuldade e desafios no processo de viver humano com a doença em seu sistema familiar e em sua rede vincular proximal.

## CAMINHAR METODOLÓGICO

Apoiou-se numa extensiva revisão de literatura no Portal de Periódicos Capes na busca de artigos de interesse deste estudo, no período entre 2004 e 2009 com entrada dos descritores: “HIV”, “AIDS”, “Família”, “Preconceito”, “Relação familiar”, “Estigma” e “Sentimento”. Durante esse período, inúmeros artigos foram encontrados, porém, da leitura e releitura destes, foram selecionamos apenas 10 artigos que encontraram aderência à temática proposta. Estes foram salvos em arquivos *doc* e *pdf* e armazenados em pasta própria, analisados criteriosamente, identificados conforme foco de investigação e objetivos dos autores. Dos 10 artigos selecionados, 1 na revista *Ciência e Saúde Coletiva*, 1 na *Revista de Enfermagem UERJ*, 1 na *Psicologia USP*, 1 na *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 1 na *Revista Brasileira de Enfermagem*, 1 na *Cadernos de Saúde Pública*, 1 na *Revista de Enfermagem USP*, 1 na *Revista de Saúde Pública*, 1 na *Paideia* (Ribeirão Preto) e 1 Tese da UFSC. A estratégia de busca demonstrou existirem vários estudos sobre a temática proposta.



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão desenvolveu-se com o propósito de transversalizar os conhecimentos à guisa de maior subsídio para conhecer o estado da arte no qual se encontra a temática em estudo, que segue apresentada nos próximos parágrafos.

Garcia e Koyama (2008) associam o preconceito e o estigma da AIDS à natureza da sua epidemia, com sua dinâmica, abrangência e questões morais envolvidas, as quais fazem suscitar o estigma e a discriminação que se constitui em uma questão tão central para AIDS quanto a doença em si. Assim, o estigma da AIDS se superpõe a estigmas pré-existente associados a diferentes grupos sociais como homossexuais, trabalhadoras do sexo e usuários de drogas, evocando múltiplos significados. Esses conceitos e imagens pré-concebidas fazem parte da matriz cultura e social que constrói diferenças, cria hierarquias e legitima estruturas de desigualdades sociais, atuantes no processo de estigmatização.

Esses autores afirmam que, apesar do contato social com pessoas infectadas não envolver risco de transmissão da doença, grande parcela da sociedade ainda tem medo de contato não íntimo. Mesmo considerando alto grau de conhecimento sobre as formas de transmissão do vírus HIV (contato sexual, através do sangue e transmissão vertical), ainda persistem crenças sobre a transmissão, ou falta confiança nas informações sobre como o vírus é transmitido.

Nessa compreensão, Ferreira e Figueredo (2006) afirmam que além de conviver com as questões somáticas advindas da infecção do vírus muitas pessoas ainda sofrem com a discriminação no local de trabalho, dos amigos e até mesmo na família, levando essas pessoas ao isolamento, o que prejudica a auto-estima e o enfrentamento ao HIV/AIDS. Essas atitudes estigmatizantes e preconceituosas tornam grande parte da sociedade irracional ao acreditar que a AIDS é um problema restrito a um determinado grupo social.

Outro estudo que emergiu foi o de Almeida e Labronici (2007), intitulado “A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do HIV, utilizando a metodologia de história



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



oral”, que identificaram o surgimento da AIDS como fenômeno social e histórico que carrega consigo espectros construídos no imaginário social, recrudescendo o conceito de peste, mobilizando sentimentos e preconceitos, tornando-a revestida por grande estigma. A descoberta da soropositividade mostrou-se como um momento crítico na vida dos colaboradores do estudo, evocando sentimento de ansiedade, angústia e medo, no qual não vislumbravam a possibilidade de um desfecho sereno. Evidenciavam que a família, por escolha consciente dos colaboradores, não foi informada de sua sorologia, tendo em vista que compreendiam este acontecimento como um elemento desagregador que oferece risco e desordem ao papel familiar.

Complementando esse pensar, Cechim e Selli (2007) trazem que algumas pessoas, ao se defrontarem com o diagnóstico de uma síndrome que ainda não oferece possibilidade de cura, se desestruturam emocionalmente. Dessa forma a AIDS orgânica além de se caracterizar pela falência do sistema imunológico do organismo, também provoca, na mente da pessoa, um desmoronamento repentino do conjunto de defesas construídas ao longo da sua existência. Assim, o medo se apresenta com diferentes faces: o medo de si mesma, da discriminação, do preconceito, da solidão, da desestruturação e sofrimento da família, do rompimento de laços afetivos, medo de ser julgado, o que acaba por subjugar as pessoa com HIV/AIDS ao silêncio como forma de evitar qualquer chance de passar por estas situações constrangedoras carregadas de preconceitos e discriminações.

Outro estudo, como o de Cardoso, Marcon e Waidmani (2008) nessa perspectiva do impacto da descoberta da sorologia positiva para o portador de HIV/AIDS e seus familiares, as autoras descobriram que a sorologia positiva desencadeia uma diversidade de sentimentos e comportamentos difíceis para portadores e cuidadores, os quais passam a viver dramas humanos e sociais no cotidiano pessoal, institucional e social em virtude do preconceito, estigma, medo da morte, solidão e do silêncio. Também identificaram que no âmbito individual existem preconceito e estigma, os quais acarretam abandono ao tratamento e não aceitação da doença pelo doente, que se vêem hostilizados e discriminados



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



pela própria família.

Tal entendimento reporta-nos ao trabalho de Delgado (2005) ao afirmar que a família se vivencia a si mesma como algo único em sua vida cotidiana, integrada por projetos, expectativas, frustrações, dificuldades, reflexões, alegrias, responsabilidades assumidas ou não, conquistas individuais e grupais, perdas, todas as vivências e experiências que coexistem na convivência da família. Assim tem sua dinâmica de relacionamento cotidiano, compartilhado por acontecimentos familiares e individuais.

Corroborando com os autores anteriormente citados Carvalho et al (2008) desenvolveram uma pesquisa acerca do “Enfrentamento da AIDS entre mulheres infectadas em Fortaleza – CE”, os resultados deste estudo revelaram diferentes formas de enfrentamentos relacionados à fragilidade da descoberta do diagnóstico, à necessidade de ocultar a doença em decorrência da discriminação e do preconceito que vivenciam, e à constante percepção da morte. Outros sentimentos foram evidenciados como vergonha, preocupação com a família, abandono, solidão, tristeza, medo da morte e ansiedade.

Também surge o estudo de Silva et al (2008) que aborda as “Formas de enfrentamento da AIDS: opiniões de mães de criança soropositivas”; neste, os autores ressaltam que a pessoa, ao descobrir que possui uma doença incurável como a HIV-AIDS, experimenta uma série de sentimentos provocadores de conflitos, comumente resultantes de mecanismos de enfrentamento das próprias inseguranças. Os sentimentos em geral seguem as etapas de negação, raiva, barganha, depressão, isolamento e aceitação sendo que cada indivíduo passa por essas transformações singularmente e com intervalos diferentes. Não revelar ao filho de que é portador e nem compartilhar seu diagnóstico com outras pessoas revelou-se como uma forma de enfrentamento da AIDS, uma saída diante dos problemas emergentes da soropositividade nos participantes de seu estudo.

No alcance da compreensão dos fatores que geram sentimentos como os enunciados nos parágrafos precedentes, Guerra e Seidl (2009) desenvolveram um estudo intitulado “Crianças e adolescentes com HIV/AIDS: revisão de estudos sobre revelação do



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



diagnóstico, adesão e estigma” realizado através de levantamento bibliográfico de artigos nacionais e internacionais e dissertações/teses brasileiras, em que identificaram que é justamente o medo do estigma que faz com que as pessoas não revelem sua condição. Porém, ao fazer isso, estas pessoas estariam limitando oportunidades para obtenção de apoio, contatos sociais e até mesmo do tratamento. O silêncio prolongado e a pobreza na comunicação também são formas que dificultaram a adesão, distúrbios de comportamento, estigma auto-dirigido e maiores níveis de estresse psicológico dos portadores e dos cuidadores, sobrecarregando a família como um todo.

Esse entendimento já fora enunciado nos estudos de Carvalho et al (2007) numa pesquisa também de revisão de literatura sobre os “Fatores de proteção relacionados à promoção de resiliência em pessoas que vivem com HIV/AIDS”. Os autores chamaram a atenção para o fato de que, a família e os amigos constituem-se em expressivos fatores de proteção àqueles que precisam enfrentar a doença, considerando que a família é a principal fonte de apoio para as pessoas soropositivas. Relataram, ainda, que o que ocorre em alguns casos é o medo do preconceito e do isolamento, fazendo com que os portadores evitem revelar o diagnóstico a seus familiares, de modo que o enfrentamento da infecção torna-se um processo solitário.

Os autores acima concluíram que os estudos revisados deixaram de forma clara que os possíveis fatores de proteção revelam-se importantes, contribuindo para a saúde geral e para o bem estar das pessoas portadoras de HIV/AIDS. Entre eles, destacaram o enfrentamento cognitivo e a aceitação da infecção; a participação da família no tratamento e como fonte de apoio afetivo; papel das organizações governamentais e não governamentais e a religiosidade. Além disso, a concepção de resiliência contribui para acabar com o estigma e o preconceito em relação à doença (CARVALHO et al, 2007).

Nesta perspectiva, Suit e Pereira (2008), em estudo de delineamento transversal, correlacional, constituindo-se num desenho ex-post-facto acerca da vivência de estigma e enfrentamento em pessoas que convivem com o HIV, identificaram que as pessoas que





# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



convivem com a soropositividade, além da necessidade de enfrentar a condição somática da doença, necessitam enfrentar as questões relativas à estigmatização, o que pode originar dificuldades no enfrentamento mais ativo da situação. Neste sentido, sugerem modificações nas estratégias de enfrentamento e adaptação à condição soropositiva dos portadores do HIV. Essa observação dos autores visa demonstrar que, na medida em que se encontram meios de lidar com o preconceito, se gera a oportunidade de encontrar maior apoio social e estabelecer novos relacionamentos.

Neste estudo ainda, Suit e Pereira (2008) confirmaram suas hipóteses referentes à maior utilização do enfrentamento, focalizando na emoção e busca de prática religiosa/pensamento fantasioso uma maior vivência de estigma. Seu trabalho reforçou que os grupos familiares se tornam cada vez mais importantes, tanto com o objetivo de maior prevenção como no acompanhamento das dificuldades que surgem após o diagnóstico. Esse suporte familiar mostrou-se como fundamental para a concretização de um enfrentamento mais assertivo e uma menor vivência ao estigma.

Cardoso, Marcon e Waidmani (2008), já mencionados anteriormente e em colaboração a este pensar, relatam que em alguns contextos a família pode ser reconhecida como uma unidade de saúde e surge como uma fonte de ajuda para o ser humano com AIDS, contribuindo para o seu equilíbrio físico e mental. Ela constitui um elo fundamental entre o portador e o serviço de saúde, ajudando a melhorar a qualidade de vida, proporcionando maior adesão ao tratamento. Por outro lado, em se tratando de AIDS, nem sempre se consegue apoiar e sustentar o portador em todos os momentos, pois a sua necessidade de autoproteção às vezes prevalece em detrimento das necessidades do membro familiar portador de HIV-AIDS. Por vezes, salienta as autoras, esse comportamento é resultante de um processo dinâmico que se altera frente à complexidade da situação vivida no momento, assim tende a transitar entre dois polos: em algumas situações superprotege e hipervaloriza as queixas do indivíduo e noutras se fecha, independente dessas necessidades,



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



numa tentativa de se auto proteger e de obter maior segurança no enfrentamento da situação.

O olhar sobre o estado da arte vem demonstrar o quão inquietante é a temática em estudo, e também a necessidade de contínuas investigações para enriquecimento do saber científico na área de estudo em foco.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conhecer o estado da arte pudemos observar que, apesar da ampla divulgação acerca das formas de transmissão do HIV, a coletividade mantém preconceito, julgamentos e ressalvas em relação às pessoas que convivem com esta doença – AIDS. Os autores demonstraram que este problema reside numa complexidade tal que demanda a articulação da educação e saúde numa perspectiva ético-política que possa contribuir para a transformação de conceitos, percepções e simbologias associadas frequentemente ao HIV-AIDS.

Destaca-se ainda, a inclusão da família nesta discussão-ação de enfrentamento e modificação social, considerando que a amplitude e magnitude das relações familiares potencialmente possibilitam que o indivíduo se fortaleça no apoio do sistema familiar encontrando alternativas para lidar com as dificuldades, superando o estigma sofrido.

À sociedade precisa voltar-se à compreensão da solidariedade, para perceber, compreender e interpretar o mundo individual de cada *ser* e seu mundo familiar. Sendo assim, torna-se fundamental deixar de pensar na AIDS como a doença do outro, distante e inacessível. Essa concepção social a respeito do HIV/AIDS torna seu enfrentamento mais doloroso, difícil e desumano. A postura imprópria da sociedade para com as pessoas que vivem com HIV traduz a indiferença e o egoísmo que existem nas relações humanas, sentimentos que precisam ser superados em face à um convívio mais humano e digno com a doença.



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



Como profissionais de saúde é preciso assumir com responsabilidade social nosso papel educativo junto às comunidades, considerando a troca de conhecimentos, para a partir da compreensão dos significados que esta população desenvolveu frente à disseminação de saberes equivocados acerca do HIV, possamos interagir conhecimentos a fim de mobilizar estes significados à superação e à conquista da solidariedades no enfrentamento do HIV/AIDS, reduzindo a segregação social imposta às pessoas que vivem com o HIV, possibilitando um melhor controle de seu estado de saúde-doença a partir do seu acolhimento e aceitação própria e dos outros para consigo, sobrepujando a discriminação da sociedade que confunde a pessoa com o vírus, como se fossem fundidos em um só estado de existência e identidade, transtornando a convivência da pessoa com HIV-AIDS.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. R. C. B. de; LABRONICI, L. M. A trajetória silenciosa de pessoas portadoras do HIV contada pela história oral. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, Mar. 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232007000100030&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000100030&lng=en&nrm=iso)>.

CARDOSO, A. L.; MARCON, S. S.; WAIDMANI, M. A. P. O Impacto da descoberta da sorologia positiva do portador de HIV/AIDS e sua família. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2008 jul/set; 16(3):326-32.

CARVALHO, C. M. L.; GALVAO, M. T. G. Enfrentamento da AIDS entre mulheres infectadas em Fortaleza - CE. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 42, n. 1, mar. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342008000100012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000100012&lng=pt&nrm=iso)>.

CARVALHO, F. T. de, et al. Fatores de proteção relacionados à promoção de resiliência em pessoas que vivem com HIV/AIDS. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, set. 2007. Disponível em <[http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2007000900011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000900011&lng=pt&nrm=iso)>.

CECHIM, P. L.; SELLI, L. Mulheres com HIV/AIDS: fragmentos de sua face oculta. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 2, Apr. 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-)



# REVISE

Revista integrativa em inovação  
tecnológica nas ciências da saúde

ISSN: 2179-6572



71672007000200004&lng=en&nrm=iso>.

FERREIRA, R. C. M.; FIGUEIREDO, M. A. C. Reinserção no mercado de trabalho. Barreiras e silêncio no enfrentamento da exclusão por pessoas com HIV/aids. **Medicina** (Ribeirão Preto) 2006; 39(4): 591-600.

GARCIA, S.; KOYAMA, M. A. H. Estigma, discriminação e HIV/Aids no contexto brasileiro, 1998 e 2005. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, 2008 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102008000800010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000800010&lng=pt&nrm=iso)>.

GUERRA, C. P. P.; SEIDL, E. M. F. Crianças e adolescentes com HIV/Aids: revisão de estudos sobre revelação do diagnóstico, adesão e estigma. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 42, Apr. 2009 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2009000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2009000100008&lng=en&nrm=iso)>.

MENEGHEL, S. N., et al . Histórias de dor e de vida: oficinas de contadores de histórias. **Saude soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, June 2008 . Available from

SILVA, R. A. R. da, et al . Formas de enfrentamento da AIDS: opinião de mães de crianças soropositivas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, abr. 2008 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692008000200014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692008000200014&lng=pt&nrm=iso)>.

SUIT, D.; PEREIRA, M. El. Vivência de estigma e enfrentamento em pessoas que convivem com o HIV. **Psicol. USP**. [online]. set. 2008, vol.19, no.3 p.317-340. Disponível em: <[http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1678-51772008000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772008000300004&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 1678-5177.